

# Sobrinho da Conceição

Hildegardes Vianna

Aconteceu no princípio da década dos sessenta. As festas de largo começavam a ficar todas iguais e sem graça, para quem não gosta de se ensopar de cerveja. O senhor idoso olhava o movimento do pessoal que entrava e saía da igreja com um ar doloroso. Depois virou-se para o nosso grupo e perguntou a causa de pouca gente se benzer ao pôr os pés na soleira do templo. Um turista ensaiavam penetrar por uma das portas laterais. Vestiam uns shorts e camisetas e calçavam sandálias de pano. O homem resmungou.

Ainda bem, que Mons. Barbosa, o severo vigário da paróquia, estaria ali por perto para pôr todas elas portas afora.

O homem estava amargurado. Queria que explicássemos porque a Conceição vai chegando, chega, e o povo, ao contrário do que deveria ser certo e devido, não demonstra a mesma vibração de antigamente. Falava como **Sobrinho de Nossa Senhora**, piscando os olhos gaiatamente, como quem quisesse saborear o impacto que o parentesco causaria.

Sobrinho de Nossa Senhora! Houve quem tentasse uma risadinha de mofa. Os circunstâncias, quase todos menores de trinta anos, fizeram por sua vez um trejeito especial, duvidando da sanidade mental do recém-chegado. Só eu não me surpreendi. Repliquei ao pé da letra que também era sobrinha de Nossa Senhora. Sobrinhaneta, aliás. Então, explicamos, a quem não sabia, a causa do parentesco. Nos chamados velhos bons tempos, os filhos dos **irmãos** da Conceição da Praia se intitulavam orgulhosamente de sobrinhos de Nossa Senhora. O pai dele fora irmão e meu avô paterno, também irmão, fizera parte da mesa da irmandade por várias vezes.

O homem, já mais à vontade, feliz com o nosso parentesco, entrou de contar como era a festa da Conceição vistas pelos seus olhos. Os preparativos

feitos em todos os lares para a grande data, fosse casa de rico ou de pobre, eram caprichados. Era o começo do tempo das festas. O dia da Conceição pedia roupa nova da cabeça aos pés, casa arrumada e enfeitada com folhas de pitanga, mesa bem posta como em aniversário, portas abertas para parentes e amigos.

Naquele tempo, em todas as casas, havia um aposento destinado às orações. Era o **quarto dos santos** com nicho repleto de imagens. Muitas vezes, o nicho era pequeno para conter os bentos simulacros. Quadros e **avultos** acomodavam-se sobre banquetas, etagères, ou mesmo pelas paredes.

O lugar de Nossa Senhora da Conceição era junto ao Crucificado. Ornamentada com alvas rosas, piedosamente iluminada, a santa parecia escutar as novenas feitas em família pelos que não podiam ir até a igreja na Cidade Baixa.

O júbilo se apossava de todos no grande dia. Carroças, carros e até mesmo os bondes, quando começaram a surgir, traziam folhas de pitanga saudando o dia de Nossa Senhora da Conceição a Mãe de todos os baianos, da Senhora que velava pelos justos e pecadores, rogando a Deus que desse juízo a quem dele carecesse, equilíbrio e paz para os ponderados.

O 8 de dezembro dos tempos de meninice do sobrinho de Nossa Senhora como era solene e bonito! O local era diferente. O arsenal, a Alfândega com seus armazéns e seus portões, a Balança do Lacerda, coisas desaparecidas, substituídas, porque tudo tem de mudar. Imutável é apenas a bondade de Deus. As ruas da Preguiça, Alfândega, Portas da Ribeira, Pedreiras, Praia do Peixe, Jaqueira, Corpo Santo, tudo engalanado. As barracas armadas lá para os lados da praia.

Muito maduro e muita gengibirra, porque só os excomungados vendiam bebidas

alcoólicas numa data tão respeitável.

Quantos se casavam naquele dia, aproveitando a beleza da festa e a significação da data. O número de meninas que eram batizadas com o santo nome de Maria da Conceição era grande. A missa das dez horas era mais bonita do que a do Bonfim. Por quê? Talvez ele mesmo nem soubesse explicar.

Provavelmente por ser a igreja tão imponente. As vozes dos cantores soavam melhor, o incenso era mais oloroso, a unção dos presentes muito maior. A grandiosidade da procissão com um volume de acompanhamento só comparável à do Senhor Morto, o andor de Nossa Senhora tão ornamentado que mais parecia um enorme ramalhete! Quando a procissão vinha à Cidade Alta, por toda parte em que o presépio passava, tal como na Cidade Baixa, havia ornamentação carinhosa. Ornamentação que ia das palmas de coqueiro e folhas de pitanga nas paredes e no chão, aos tapetes, colchas e cortinados, embelezando as sacadas. Guirlandas de flores pendiam das janelas. Palmatórias, castiçais, serpentinas, lanternas, tudo quanto representasse luz era colocado sobre os peitoris. Muitos se ajoelhavam no chão à passagem da imagem, pedindo a sua misericordiosa proteção.

Com os olhos marejados de lágrimas, sufocado pelas recordações tão gratas, o sobrinho de Nossa Senhora fez uma pausa para respirar. Quando conseguiu recuperar a serenidade, olhou com tristeza a gente seminua que transitava pelo largo, as mocinhas se queixando da falta de cerveja. Da falta ou do preço? O sobrinho de Nossa Senhora confessou o seu quase ódio pelo turismo. Não está satisfeito com a propaganda profana acerca da festa. O Dia da Conceição é uma data escrita com devoção no coração dos crentes. É um dia que tem influência sobre toda a cidade, porque a Conceição da Praia nasceu e cresceu com ela.